



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO X — N.º 109 — S. PAULO, AGOSTO DE 1966 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 62 48

O POVO VIBROU COM AS VITÓRIAS DA SUA SELEÇÃO

Durante três semanas Portugal acompanhou em alvoroço as proezas da sua seleção de futebol no Campeonato do Mundo na Inglaterra. Foi irreprimível, grandiosa a euforia das massas. O êxito foi delas, dessas mesmas massas que num amanhã próximo DERRUBARÃO O FASCISMO!



Da esquerda para a direita, os onze rapazes que iniciaram em Manchester, no dia 13 de Julho a série de vitórias que daria a Portugal o 3.º lugar no Campeonato: De pé: Morais, Baptista, Hilário, Graça, Vicente, Carvalho; agachados: José Augusto, Torres, Eusébio, Coluna e Simões

O proletariado português mostra-se justamente orgulhoso da extraordinária vitória alcançada pelos trabalhadores das docas de Lisboa, impondo as suas reivindicações essenciais ao cabo de uma greve que se prolongou por cinco semanas.

Desde a greve dos marmoristas de Pero Pinheiro, que mobilizou também milhares de trabalhadores, que não se registava em Portugal movimento de tanta amplitude e tão bem organizado. Quem conhece as condições em que se exerce a repressão salazarista, pode avaliar as imensas dificuldades que os portuários da capital tiveram de vencer para tornar possível, primeiro, a deflagração da greve e, depois, a unidade na ação durante as cinco longas semanas em que os 3600 dockers se mantiveram firmes na defesa das suas reivindicações, paralisando quase completamente um dos maiores portos da Europa.

Quase 20 anos decorreram desde o belo movimento de 1947 em que os portuários de Lisboa ofereceram admirável exemplo de coragem e combatividade. Agora, em circunstâncias diferentes e até certo ponto mais difíceis, aquela grande categoria profissional voltou a impor-se ao respeito do povo português, inflingindo grave derrota ao fascismo.

Foi a unidade magnífica que presidiu a todo o decorrer da luta o fator determinante da vitória. Os portuários vinham preparando o movimento de longa data. A paralização geral do trabalho nas docas só foi possível mercê da lucidez revelada pelos líderes da classe, esgotando primeiro todas as possibilidades de negociação para persuadir os mais hesitantes que era indispensável levar a luta às suas últimas conseqüências.

A série de concentrações realizadas no Sindicato, as repetidas e não atendidas exigências de convocação para uma Assembleia Geral e a eleição de uma Comissão Sindical que veio a ser o núcleo da futura Comissão de Greve foram forjando o estado de espírito propício ao combate decisivo. Um outro fator que contribuiu poderosamente para vencer as últimas resistências foi a intransigência das companhias nacionais — pressionadas pelo governo — recusando-se a rever o pagamento das horas extraordinárias.

Quando a greve surgiu como desfecho natural do movimento, o moral dos portuários era já inquebrantável. E a paralização do porto de Lisboa, repercutindo internacionalmente, e levando o Estado fascista a mobilizar o seu aparelho de repressão contra os trabalhadores das docas transformou automaticamente o que a princípio era uma greve reivindicativa numa greve política. As dezenas de mensagens de solidariedade que chegaram a Lisboa vindas de todos os pontos do mundo e a cadeia de telegramas de protesto enviadas às autoridades fascistas representaram para os heróicos dockers da capital portuguesa a certeza de que não estavam sós, estimulando-os a prosseguir na luta até à vitória final. Quando esta chegou, com a aceitação por todas as companhias nacionais — após intervenção governamental — das reivindicações fundamentais dos grevistas, Portugal inteiro compreendeu que os portuários haviam infligido uma derrota histórica ao fascismo, prestando um serviço inestimável à causa da libertação nacional.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

L
G
R
A
N
D
E
O
V
I
T
Ó
R
I
A

AL
ICO
s um
o fas-
stia
pinto-
a luta
que a
ntro de
demo-
mans,
S
ente a
ita em
que e
nitiva-
se en-
unica-
cont-
ntensa
Angola
lgadas
A. é ca-
tuação
sas de
e que
ida re-
alistas
le real
abinda
anas, a
ho foi
nsifica-
r dos
s Tra-
Mata-
a, nos
das de
Caba-
forças
do seis
Essa é
sta em
ontinua
as tro-
acificação
apenas
issau e
nais di-
e guar-
das pe-
GCV e
Exér-
ão. Ve-
m Em-
, e em
PORTUGAL DEMOCRATICO
R. Cons. Furtado, 191 — SP, Brasil

Notas e comentários

FUTEBOL, DINHEIRO E POLITICA

O futebol português fez uma brilhante figura no Campeonato Mundial cuja fase final se disputou em Londres, em julho findo. Surpreendendo muita gente que não acreditava nas suas possibilidades, a seleção portuguesa terminou a competição, batendo de forma indiscutível as fortes equipes da Hungria e da Bulgária e também a do Brasil. Na altura, ostentava ainda o título de bicampeã do mundo. A equipe nacional acabou por ser eliminada na semi-final pelo onze inglês, mas as suas exhibições e o seu comportamento nos estádios foram de tal ordem que foi considerada a sensação do torneio, merecendo elogios diatribéticos de toda a imprensa internacional especializada.

O povo português, como era de esperar, vibrou intensamente com os êxitos dos seus futebolistas, um dos quais foi considerado pela crítica como o maior jogador do Mundo. Portugal inteiro viveu, sem exagero, durante três semanas com os olhos postos na Inglaterra, onde se achava a sua gloriosa seleção de futebol, durante o desporto nacional. Uma nota antipática, embora também esperada, em tudo foi a atitude de alguns jogadores e de certas empresas ligadas ao grande capital monopolista oferecendo aos jogadores, nas vésperas dos jogos, prémios astronómicos em dinheiro, para a hipótese de vencerem. Essa atitude, que mereceu a aprovação das autoridades fascistas foi tão ostensiva e arrogante que a própria imprensa internacional acabou por se ocupar dela, lamentando-a e salientando que os jogadores portugueses eram iguais aos demais e era desleigante tratá-los publicamente como autênticos mercenários, quando haviam já demonstrado que batiam corajosamente por amor às cores de Portugal.

Enfim, que se poderia esperar de melhor dos banqueiros de Salazar?

"Portugal Democrático" associando-se ao jubilo de toda a Nação pelo brilhante comportamento do futebol português, faz questão de recordar que os atletas que representam o País nos estádios da Inglaterra são parte do povo que acompanhou as suas vitórias. Perde pois o seu tempo o fascismo com as suas tentativas de capitalizar em benefício próprio os êxitos obtidos por essa pleiade de desportistas. A manobra, felizmente, malogrou, não iludindo nin-

guém. As massas que saíram para a rua dando largas ao seu entusiasmo pelo futebol são as mesmas que sofrem na própria carne a opressão salazarista, as mesmas que, em dia que todos desejamos chegue brevemente, derrubarão o fascismo.

VITÓRIAS CAMPONESAS

As lutas no campo voltaram em todo o Sul de Portugal a assumir proporções insuspeitadas. Desde a inesquecível campanha das ceifas do ano 62 em que os operários agrícolas do Alentejo conseguiram impor a jornada de 8 horas, que a grande Província não era palco de um combate tão constante, amplo e diversificado como o atual. A experiência dos proletários rurais, adquirida em dezenas de pequenas lutas reivindicativas e o funcionamento nas mais rigorosas condições de clandestinidade das comissões de unidade não contribuíram apenas para reforçar um espírito de unidade que é a melhor arma das massas alentejanas. Criaram uma autêntica vanguarda de combate nos campos do Alentejo, vanguarda cujas batalhas são outras tantas lições e cujas vitórias beneficiam o conjunto da classe camponesa. Nunca em Portugal os latifundiários se viram, por exemplo, coagidos a pagar salários tão altos aos operários agrícolas como na primavera passada, em certos concelhos do Alto e do Baixo Alentejo. Nalguns casos as jornadas chegaram a atingir os 150 escudos diários, superiores portanto aos vencimentos dos escalões intermediários do funcionalismo. Mais significativo é, porém, que desde março, nesses mesmos municípios, raramente os salários tenham descido abaixo dos 80 escudos. A falta de braços, provocada pela emigração e pela guerra colonial, cria, é evidente, as condições objetivas favoráveis ao desenvolvimento da luta. Mas as vitórias alcançadas não seriam possíveis sem a magnífica organização da classe camponesa e a imaginação de que os seus líderes vêm dando provas na condução da luta. As táticas empregadas são as mais variadas, o que desorienta os latifundiários e o aparelho de repressão. Os operários agrícolas ora se fazem disputar pelos patrões, fixando um teto mínimo salarial, ora deixam de comparecer às praças, discutindo individualmente — de acordo com o plano previamente traçado — em suas casas as condições de trabalho e jornada. A repercussão desta

situação inteiramente nova é imensa em toda a zona da grande propriedade, esperando-se que esse tipo de luta se torne extensivo a dezenas de municípios. Por outro lado, as autoridades fascistas mostram-se alarmadas com o fato de um camponês conseguir ganhar quase tanto, no período de trabalho intenso, como um chefe de repartição. O receio de greves de consequências imprevisíveis, temidas pelos latifundiários, impede o governo de intervir brutalmente com o seu aparelho de repressão e terror.

BOLACHAS DE MOÇAMBIQUE...

O governo fascista de Lisboa apresentou no Rio de Janeiro uma exposição intitulada "Portugal de Hoje". O certame foi, como quase todas as iniciativas congêneres do Estado salazarista, um malogro completo. Teoricamente com intuídos comerciais, a Exposição foi desviada do seu objetivo confessado — um mostruário de produtos que a indústria portuguesa se acharia em condições de fornecer — para se transformar num cartaz de propaganda do regime.

Dos tradicionais produtos portugueses poucos, muito poucos, estavam representados. A prova de que o caminho a seguir deveria ter sido o da autenticidade tivemos-la, aliás, no fato de terem sido bem vendidos os artigos genuinamente portugueses. O que não poderíamos, bem entendido, vender, eram as montagens sobre as obras de fachada do Estado fascista. E, desgraçadamente, essa propaganda ocupava bem maior espaço do que o dedicado aos nossos verdadeiros produtos de exportação.

Houve no certame incongruências que chegaram a despertar o riso dos visitantes brasileiros. A propaganda em torno daquilo que certos funcionários da exposição chamavam de "indústria automobilística portuguesa". A viva força queriam esses senhores transformar as cadeias de montagem de carros instaladas em Portugal por várias empresas estrangeiras numa grande indústria portuguesa. Incrível, mas verdadeiro. De qualquer modo a simples idéia de fazer propaganda da montagem de carros alheios, num país como o Brasil que produz mais de 200.000 veículos por ano é simplesmente ridícula.

Mas não param aí os absurdos. Um dos mais comentados foi a exibição de bolachas fabricadas e empacotadas em Moçambique. Será que os organizadores do certame consideram o fabrico de bolachas uma prova de progresso real?

Quem pagou esta palhaçada do fascismo português foi uma vez mais o povo português.

A Exposição — que deveria ter sido itinerante e nunca fixa — custou o dôbro da verba que fora prevista. Em vez dos 30.000 milhões de escudos orçados, consumiu... 60.000 milhões. E o Zé Povinho pagou, como sempre.

INTOLERANCIA RELIGIOSA

O muito católico filho de Santa Comba Dão continua a dar mostras de uma intolerância que o coloca ao nível dos espíritos mais fanáticos da época das guerras religiosas. Há muito que o regime vinha, das mais diversas maneiras, perseguindo os membros da seita das Testemunhas de Jeová. Em mais de uma ocasião, "Portugal Democrático" transcreveu protestos vindos a lume na imprensa internacional contra as violências exercidas pela PIDE sobre elementos dessa congregação religiosa. Mas Salazar quis ir mais longe. Não lhe bastaram as ameaças e os espancamentos. Na impossibilidade de fazer reviver uma corte da Inquisição, levou à barra de um dos seus tribunais fascistas nada menos do que quarenta e nove Testemunhas de Jeová. Trinta e cinco dos réus eram mulheres. E contra elas pesava a acusação tradicional de conspirarem contra "a segurança do Estado". Ao que parece foram detidas quando realizavam uma reunião a portas fechadas e, embora a PIDE não tenha conseguido apurar exatamente qual o tipo de "subversão" que essas senhoras preparavam, foram condenadas em penas de dois a seis meses de cadeia. Sobre os homens incidia uma acusação diferente: negavam-se a cumprir o serviço militar, de acordo com os preceitos daquela religião. Por esse "crime" foram igualmente condenados a vários meses de prisão.

Não houve um único membro da hierarquia da Igreja Católica que elevasse a sua voz contra a prepotência do tribunal do Inquisidor fascista. E o próprio órgão da Igreja, "Novidades", limitou-se a noticiar a sentença em meia dúzia de linhas...

O SORVEDOURO DA GUERRA

As estatísticas portuguesas andam sempre atrasadas. Daí a nossa dificuldade em acompanhar de perto o aumento alarmante de despesas provocado pela guerra colonial. O que se passou nos anos anteriores é, porém, elucidativo a respeito do que estará acontecendo agora, quando a guerra de Moçambique se transformou num sorvedouro de dinheiro e de homens.

Chegou-nos, por exemplo, às mãos o parecer sobre as

Contas Gerais do Estado relativo ao "Ultramar", no ano de 64. E os números que dele se extraem confirmam tudo quanto temos dito nestas colunas sobre o peso crescente das despesas de guerra e repressão nas colônias.

Vejam alguns algarismos. Assim, em Cabo Verde os gastos com a Segurança Pública e a PIDE elevaram-se de... 2.127 contos em 63 para... 2481 contos em 64. Em Angola, a mesma rubrica absorveu 95.000 contos em 63 e 100.796 em 64. O Comando Naval viu as suas despesas elevadas, no mesmo período, de 2.000 para 10.359 contos. Os aeroportos, sem gastos mencionados em 63, absorveram 248.449 contos em 64 e o chamado Corpo de Voluntários eufemismo que designa a Milícia dos Colonos Ultras, 43.822 contos. Em Moçambique, a tendência que se nota é a mesma e até em Macau, as despesas com a Polícia e a PIDE se elevaram de 12.552 contos para 14.096 contos.

A PONTE DO IMPERIALISMO

No momento de fecharmos esta edição de "Portugal Democrático" deve estar prestes a ser inaugurada a ponte sobre o Tejo, em Lisboa. Poucas vezes o fascismo, ao longo dos seus quarenta anos de existência terá realizado uma orquestração publicitária tão ampla como a dedicada à ponte, apontada como a obra máxima do regime. Centenas de personalidades de dezenas de países foram convidadas pelo governo de Lisboa a assistir à inauguração da obra no dia 8 do corrente. Até os gastos com as viagens e a estada de jornalistas do Exterior correrão por conta do Tesouro português. Serão sem dúvidas mais alguns milhares de contos que o contribuinte terá de esportular.

O aspecto grotesco de toda essa movimentação da propaganda salazarista reside na circunstância de "a grande obra" do regime ser, afinal, uma obra que foi planejada e dirigida por técnicos estrangeiros, realizada por empresas estrangeiras e financiada pelo capital estrangeiro. Foram, claro, os operários portugueses quem construiu a ponte, por sinal, em condições extremamente desfavoráveis, recebendo salários de miséria e sem garantias de segurança, como se provou com vários desastres em que perderam a vida elementos cujas famílias acabaram por ser contempladas com indenizações insignificantes. E quem pagará a ponte? O povo português, claro! O governo fascista já elaborou minuciosamente regulamento sobre a portagem. Durante anos a fio quem quer que pretenda atravessar a ponte de

(Continua na pág. 7)

Com os guerrilheiros de Amílcar Cabral - I

Justin Vieyra

Na sua edição de 17 de Julho, a revista tunisiana "Jeune Afrique" publicou com o maior relevo uma reportagem de Justin Vieyra sobre as condições em que se desenvolve presentemente a guerra colonial na Guiné dita portuguesa. Esse trabalho, intitulado "Com os Guerrilheiros de Cabral" é o primeiro depoimento do género escrito por um jornalista africano que vem a lume na grande imprensa internacional. A sua repercussão em várias capitais europeias e americanas e junto dos governos aliados de Salazar foi considerável. "Portugal Democrático" inicia hoje a sua publicação.

"A guerra da Guiné é dolorosa e cruel" escrevia o jornalista português Martinho Simões no quotidiano de Lisboa "Diário de Notícias". Esse jornalista regressava de uma viagem a Guiné-Bissau em abril passado. A sua homenagem dirigia-se evidentemente aos "valerosos soldados do sr. Salazar que se batem para conservar essa "provincia" para Portugal. Têm aviões, canhões, carros.

Eu também volto da Guiné-Bissau. Vivi ao lado daqueles que não têm coisa alguma: nem aviões, nem canhões, nem carros. Estive entre os homens de Amílcar Cabral que estão a caminho de ganhar uma guerra de que a África não fala o bastante e de que tem todos os motivos para se orgulhar. Visitei as aldeias das regiões libertadas pelos nacionalistas, xi camponeses inofensivos tombarem vitimados pelos bombardeamentos. Conheci admiráveis militantes do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde) trouxe comigo imagens e fatos. E, em primeiro lugar, a imagem de Titina — a mais dedicada das enfermeiras da guerrilha — que bem mereceu figurar na capa da nossa revista. É isso porque desejo que o meu "diário de viagem" seja antes do mais, uma homenagem prestada aos que sofrem e combatem pela sua liberdade.

No dia 28 de Maio tomei o avião para Dakar. Devido à presença na capital senegalesa de agentes da polícia política portuguesa, a PIDE, haviam-me recomendado que fosse prudente e discreto. Contudo, poucas horas após a minha chegada, estabeleci contacto com a representação em Dakar do PAIGC.

Cabral deixara Dakar, seguindo para a guerrilha. Do posto de Ziguinchor (a uma centena de quilómetros da fronteira guineo-senegalesa) enviaram um emissário para lhe anunciar a minha chegada. Encafuado durante quatro longos dias num modesto hotel da rua Felix Faure em Dakar, aguardei ali a hora da partida.

SEXTA-FEIRA, 3 DE JUNHO

As 16 horas junto-me aos meus companheiros de viagem: Nino, responsável politico-militar que devia encontrar-se com Cabral a fim de participar numa reunião de quadros do PAIGC; Mouso e Taboura, duas jovens enfermeiras que regressavam de um estágio na URSS e que vão trabalhar no posto sanitário do Partido em Ziguinchor e, finalmente, José, um dos responsáveis pela delegação em Dakar do PAIGC, especialmente encarregado das ligações com a guerrilha.

José, que já efetuara várias vezes aquele percurso conhecia-o perfeitamente. Instalado ao volante do Volkswagen que nos transporta prevê tudo. Partimos demasiado

tarde de Dakar para atravessar a Gambia antes das 19 horas e apanhar ainda a balsa que permite a travessia do rio. Forçados a passar a noite numa aldeia gambiana, tratamos antes do mais de achar algo de comer e compramos pão, sardinhas, e limonada com gosto de remédio. Para dormir conseguimos descobrir dois quartos sem água nem luz elétrica. As jovens enfermeiras deitaram-se logo após o jantar. Até então apenas trocaram algumas palavras com os meus companheiros de viagem e eis que Nino, José e eu vamos partilhar o mesmo quarto. José instala um colchão por terra e sugere que nos estendamos de través, na direção da largura, de modo a que cada um possa, ao menos, descansar a cabeça. Deitamos-nos vestidos e José não tarda a adormecer.

Nino, que fala francês quase correntemente, fala um pouco comigo, no escuro.

— Então, Nino, deveria chamar-te comandante!

— Não! Entre nós, no PAIGC não há postos! Somos todos camaradas. Só há responsáveis. Como na China Popular.

Essa alusão à China faz-me pensar que Nino, provavelmente, realizou ali um estágio. E, de fato, seguiu um curso de treino militar em Pequim, em 1963, com nove outros camaradas. Procuro saber mais coisas. Nino conserva uma boa lembrança da sua estada em Pequim: "Os Chineses são muito sérios. Ajudaram-nos muito. E, de qualquer forma, ensinaram-nos a arte da guerrilha."

Falamos também do apoio dado à luta do PAIGC pelo governo da República da Guiné e pelos do Senegal e da Argélia, e daquilo que será no futuro a Guiné-Bissau, no dia que for completamente libertada.

— Enquanto isso não chega, pensamos pouco em nós. Há a guerra do Vietnam, os golpes militares em África...

Antes de adormecer e de me deixar entregue a uma tenaz insonia, Nino confessa-me que, em certos dias, ele e os camaradas pensam que a luta dura há muito tempo. Tem vinte e sete anos e uniu-se ao PAIGC em 1959. Era electricista em Bissau.

SÁBADO, 4 DE JUNHO

As 6 e 30 horas retomamos a viagem. Dos 700 quilómetros que separam Dakar da fronteira só falta percorrer 200 e mais dois rios a atravessar: o Gambia e o Casamansa.

As 9 horas chegamos a Ziguinchor. Acharo-nos, ao Norte da Guiné-Bissau. José acompanha as duas raparigas ao posto sanitário do PAIGC. Durante a noite vieram feridos da frente de combate. As enfermeiras põem imediatamente mãos à obra.

José volta decorridas duas horas. Nino e eu, enquanto esperávamos, comemos bifes e bebemos cerveja. Temos ainda que percorrer 98 quilómetros. E de Ziguinchor até à fronteira a estrada já não é asfaltada.

As 14 horas chegamos a uma aldeia quase exclusivamente habitada por refugiados guineenses. Somos recebidos com grande deferência. O dia está quente. Na cabana onde nos fizeram entrar oferecem-nos água numa cabaça que passa por outras mãos antes de chegar às minhas.

Após uma discussão em crioulo (mistura do vernáculo local com o português) para mim ininteligível,

Nino, José e eu somos acompanhados até à fronteira. Ai, pela primeira vez na vida, acho-me em presença de guerrilheiros saídos dos arbustos, vindos ao nosso encontro. São seis sólidos rapazes armados com espingardas e metralhadoras de proveniência chinesa, soviética ou americana. Os uniformes são diferentes e alguns deles apresentam-se rasgados ou remendados. Constituem a nossa escolta. José, que deve voltar para Dakar, diz-me antes de nos deixar:

— Aqui estás na Zona Libertada. Não encontrarás um só português. Controlamos toda a fronteira entre a Guiné e o Senegal. Só entram e saem aqueles que obtiveram autorização do PAIGC. Tomamos todas as disposições para garantir a tua segurança. Boa sorte e até breve!

Nino troca os sapatos de cidade por alpargatas e tira da sacola um par de meias que, por precaução, devo calçar. Coloca um revólver na cintura. O chefe da escolta dá umas ordens breves. Três homens vão adiante. Decorridos cinco minutos, iniciamos uma caminhada que, segundo os meus companheiros de viagem deve durar apenas duas horas. Na realidade, a marcha dura cinco horas. Por três vezes, quase extenuado, imploro que se faça alto. Avançamos em fila indiana, evitando romper o silêncio. Sigo atrás de Nino que caminha com passadas regulares. De tempos a tempos, comprime os braços contra o corpo e volta-se para me observar:

— Ainda não estás habituado. Amanhã isso melhora.

As planícies sucedem-se à floresta. Distingo aldeias desertas. (Continua na pág. 6)

Portugal Democrático

Alguns amigos do nosso jornal espalhados pelo mundo, corresponderam já aos insistentes apelos que temos feito para que nos ajudem a vencer a grave situação material que atravessamos. Essas ajudas não bastam, entretanto. É necessário que outros venham em nosso auxílio. De outro modo, ver-nos-emos forçados a interromper a publicação desta tribuna de combate ao fascismo, por absoluta falta de recursos. Foi já com extrema dificuldade que conseguimos, mercê de sacrifícios incomportáveis para o pequeno núcleo de elementos de São Paulo, obter no mês passado a quantia indispensável para custear as despesas com a remessa do jornal para os assinantes do exterior.

Renovamos por isso o apelo aos nossos amigos. Seria uma vitória para o fascismo o fim, por falta de recursos, do mais antigo dos jornais portugueses que o combatem no estrangeiro.

Aviões Portugueses Bombardeiam Zambia

Segundo um comunicado oficial divulgado em Lusaka no dia 20 de Julho, aviões da Força Aérea Portuguesa teriam bombardeado uma aldeia da Republica de Zambia situada na fronteira de Angola, numa zona onde os guerrilheiros da FRELIMO se vêm mostrando particularmente activos. Do ataque teriam resultado importantes danos materiais e numerosos feridos.



O trabalho forçado em Moçambique

Moçambique na era de Salazar

O depoimento cuja primeira parte abaixo publicamos é da autoria de um camponês moçambicano, Lázaro Kavandame, hoje membro do Comité Central da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Este documento impressionante, para o qual chamamos de modo especial a atenção dos nossos leitores foi divulgado pelo Comité de Descolonização das Nações Unidas em Maio de 65 e reproduzido desde então em numerosas publicações internacionais.

"Sou um camponês de Moçambique, e trabalho na região de Mueda no norte do país. O meu nome é Lázaro Kavandame e quero dar a conhecer a minha experiência de camponês obrigado a trabalhar num país que se encontra sob a dominação colonial portuguesa. Espero que alguns dos fatos, da minha experiência pessoal possam dar úteis informações ao vosso Comité e a todos os que se interessam em ajudar o meu povo para alcançar a liberdade contra a opressão portuguesa.

O governo português não está interessado em aumentar o bem estar do povo de Moçambique, contrariamente ao que propagandea através do Mundo, fazendo o possível para alcançar a certeza de que os moçambicanos permaneceram ignorantes. Todas as tentativas do nosso povo para modificar a sua miserável condição são bárbara e impiedosamente reprimidas pelo governo português.

As minhas atividades de líder político popular começaram em 1957, ano em que tomei a responsabilidade de apresentar algumas petições do povo da minha região às autoridades portuguesas locais, após ter constatado as suas misérias e sofrimento quando eram obrigados a trabalhar nas plantações europeias e asiáticas, ou a cortar madeira e a trabalhar na construção de estradas sem terem sequer as mínimas condições de vida e sem pagamento adequado.

Em primeiro lugar julguei que assim era devido ao nosso povo ser pobre e ignorante, e pedi às autoridades portuguesas que autorizassem que eu, e outros que sabiam ler e escrever, os ensinássemos. Eles eram constantemente chicoteados, encarcerados sem razão, obrigados a trabalhar sem alimentação durante longos períodos, ou multados por não alcançarem as cotas de algodão a que eram obrigados ao fim de cada colheita.

Também pedi que me deixassem organizar um programa de educação para ensinar melhores métodos de cultivo e conservação das colheitas, auxiliando-os a conseguir melhores resultados.

Eu esperava vir a ser capaz de reduzir o sofrimento da maioria dos nossos camponeses, obrigados a tra-

balhar sob a vigilância persistente e opressiva do superintendente português, o qual está sempre pronto a chicotear. Tentei mostrar às autoridades portuguesas que o salário de 60 escudos (2 dólares) por mês dum trabalhador agrícola é insuficiente para um homem que também tem de pagar 120 escudos (4 dólares) anuais de impostos ao governo português, fora outras despesas.

As autoridades mandaram-me chamar um certo dia e autorizaram-me a iniciar um programa educativo para os camponeses africanos do meu distrito, permitindo-me também formar uma sociedade cooperativa dos agricultores locais. Além disso as autoridades informaram-nos de que poderíamos cultivar a superfície de terra que desejássemos, uma vez que produzíssemos a quantidade de algodão a que se encontrava obrigada cada família africana.

O administrador português tentou desencorajar-me, dizendo que era impossível ensinar o que quer que fosse a analfabetos. "Vós, os negros, sois preguiçosos — dizia ele — a única coisa que vos faz trabalhar é o chicote." Entretanto, durante um certo tempo, ele deixou-nos trabalhar. Estabelecemos a sociedade cooperativa que chamamos "Sociedade Agrícola Algodoeira Voluntária dos Africanos de Moçambique". No princípio éramos 500 pessoas e, num grande campo, cultivamos mapira, amendoim e milho. Ao mesmo tempo cultivamos também a superfície de algodão a que nos obrigavam o governo e as companhias concessionárias, isto é: 4 hectares por família. Solicitamos então ao governo que nos permitisse estabelecer um fundo especial para a compra de bicicletas, papel, lápis, etc. de maneira a facilitar o trabalho da cooperativa.

Mais tarde, como as autoridades portuguesas notassem o êxito do nosso trabalho, fui de novo chamado à administração central do distrito, onde me perguntaram porque é que eu trabalhava tanto sem ser pago. Perguntaram-me, também, se alguém me pagava de qualquer maneira secreta. Respondi-lhes que ninguém me pagava coisa alguma e que o fazia, simplesmente, para o bem estar do povo de Moçambique, de modo a que cada homem do nosso país viesse a possuir o que cada homem tem direito, vivendo com dignidade e sem sofrimento.

As minhas respostas não agradaram e as autoridades propuseram-me que eu aceitasse trabalhar para a companhia concessionária de algodão, SAGAL, a qual controla a região noroeste de Moçambique, oferecendo-me um salário de 1.000 escudos por mês (33,33 dólares), uma casa e uma motocicleta, expli-

(Continua na pág. 6)

O OBSCURANTISMO SALAZARISTA - XIII

Joaquim Barradas de Carvalho

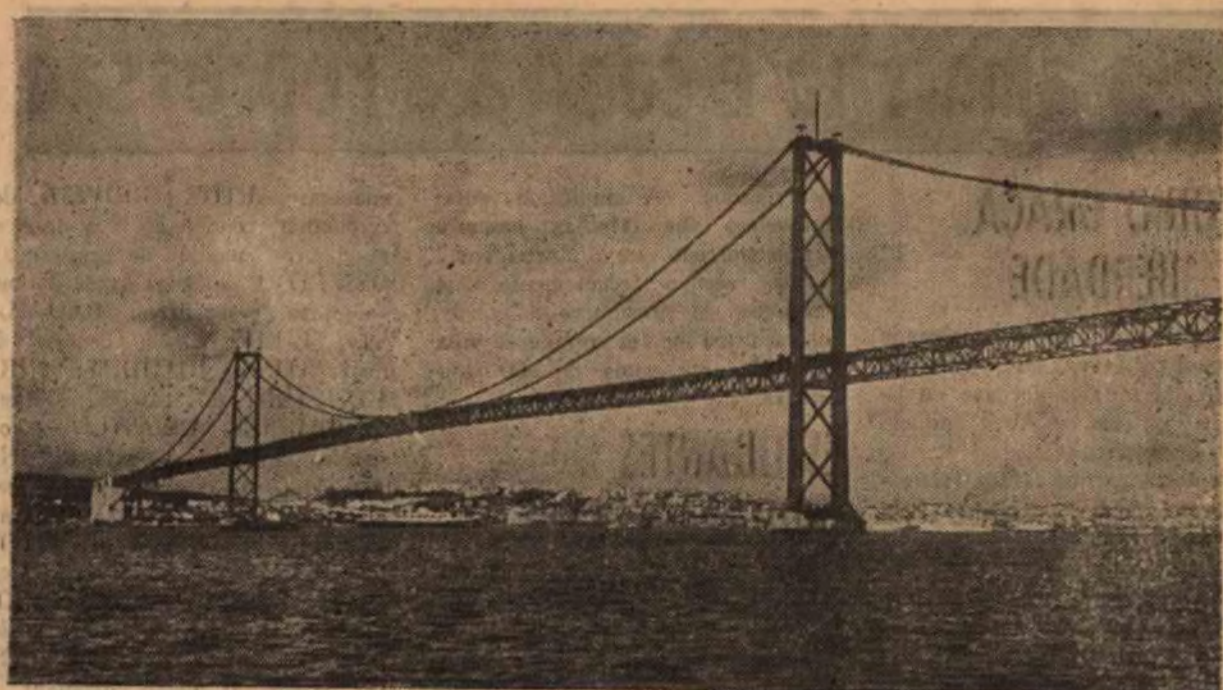
Lemos, no Boletim Semanal do Secretariado Nacional de Informação, Notícias de Portugal, do dia 21 de maio do presente ano: "No passado dia 26 de abril, o Diretor do Centro de Turismo de Portugal no Brasil, Dr. Jorge Felner da Costa, acompanhado do Chefe dos Serviços do mesmo organismo, Dr. Noel de Arriaga, compareceu no Instituto de Educação, do Estado da Guanabara, para proceder à distribuição de cerca de 3.500 volumes do *Resumo da História de Portugal* da autoria de João Ameal, notável escritor e historiador português". Diz-se ainda na mesma notícia que esta distribuição tem como objetivo dar "a conhecer a verdadeira História de Portugal, que por vezes tão deturpada se encontra em algumas obras".

Já uma vez, nesta série de artigos, nos referimos ao "historiador" João Ameal e à sua galardoada *História de Portugal*. Fizemo-lo quando o Almirante Américo Tomás, que exerce atualmente as funções de Chefe de Estado, o condecorou no Secretariado Nacional de Informação (S. N. I.), com o grau de grande oficial da Ordem de Cristo. Foi então que o dr. Moreira Baptista, secretário nacional de Informação, em discurso, afirmou ser o dr. João Ameal um intelectual que "honra a Pátria", "pois de nin-

guém é desconhecido o seu labor construtivo, tenaz, fecundo, patriótico". Agora (não sabemos se o dr. Felner da Costa, se o redator da notícia do citado Boletim do S. N. I.), classifica-se o dr. João Ameal como um "notável escritor e historiador português", e justifica-se a distribuição de nada menos de 3.500 exemplares do "precioso" livro, afirmando que esta distribuição tem como objetivo dar "a conhecer" a verdadeira História de Portugal, que por vezes tão deturpada se encontra em algumas obras".

No artigo desta série que já há mais de um ano escrevemos, lembrávamos, como uma amostra bem representativa do "labor construtivo, tenaz, fecundo, patriótico" do dr. João Ameal, um curto passo da sua tão difundida História de Portugal. Tratava-se de passo do Capítulo 6.º, intitulado Tarde de Aljubarrota, que reza assim: "E pelo meio dia — sol a prumo, calor sufocante, maciço, a esmagar a larga perspectiva soturna (sic) — esse poder revela-se, súbito, aos olhos dos portugueses. O exército inimigo despenha, cresce, alastra, imenso e colorido — acaba por inundar, como num espraír de maré densa, a várzea fronteira. Um rio de gente a fulgir, inumerável, sob o esplendor solar. À frente, vem a cavalaria aparatosa, com armaduras que parecem espelhos, sob uma floresta de plumas e de estandartes. Depois uma infantaria sem fim, em que se acumulam contingentes de muitas terras e raças — desde os besteiros de Castela aos francos de Béarn e da Gasconha e ao milhar de portugueses que um destino sombrio liga à invasão da pátria. Na cauda, uma confusa massa humana: carros, animais de carga, rebanhos de gado — cortejo impressionante..." (sic) (Sublinhados meus). Mais uma vez diremos: "parece serem dispensáveis os comentários". Mais uma vez lembramos que o dr. João Ameal é (como não podia deixar de ser), membro da Academia Portuguesa da História, e a sua *História de Portugal* obteve (como também não podia deixar de ser), em 1941, por unanimidade, o Prémio Alexandre Herculano, conferido pelo Secretariado Nacional de Informação (S. N. I.)...

Membro de uma Academia e Prémio Alexandre Herculano, o dr. João Ameal estaria pois, em princípio, altamente qualificado para ensinar a História de Portugal aquém e além fronteiras... Mas a Academia, é a Academia Portuguesa da História, e o Prémio Alexandre Herculano conferido pelo Secretariado Nacional de Informação (S. N. I.) do Governo Fascista de Salazar... É que infelizmente para Portugal é para os portugueses de hoje, e por mais paradoxal que isto possa parecer, não há nenhuma relação entre o Portugal oficial e o Portugal real. Para o Portugal oficial o dr. João Ameal é um intelectual que "honra a Pátria", "um notável escritor e historiador português"; para o Portugal real os intelectuais que honram a Pátria, os notáveis historiadores portugueses, foram ou são, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Duarte Leite, Veiga Simões, Jaime Cortesão, António Sérgio, Vitorino Magalhães Godinho, e outros mais... Em dia que não esteja longe, os democratas portugueses distribuirão exemplares das obras destes autênticos historiadores portugueses... Os democratas portugueses têm o sentido do ridículo... O quadro é verdadeiramente triste, senão cómico... E para que ele não seja ainda mais triste e mais cómico, desejamos en-



Um aspecto da Ponte sobre o Tejo inaugurada no passado dia 7 de Agosto. Como se não bastassem os sacrifícios impostos ao povo português para pagar a ponte, Salazar quis transformar a inauguração da mesma numa festa de glorificação do regime. E novos milhares de contos foram despendidos numa gigantesca orquestração publicitária. A propaganda fascista, paga a peso de ouro, encheu páginas e páginas de jornais e revistas da Europa e da América e centenas de convidados afluiram a Lisboa, vindos de todos os pontos do mundo. O povo pagará toda essa orgia de gastos. Os preços da portagem — a vigorar por 20 anos são escandalosos. Cada automóvel pagará 12 escudos e cada caminhão 75 escudos, isto é o equivalente 6.000 cruzeiros.

LUTAS POPULARES

CUF — Os trabalhadores da CUF, no Barreiro, vêm lutando pela conquista do 7.º dia. As reuniões realizadas nos quatro primeiros meses do ano, ao nível das secções, com a participação de 20 a 50 operários, ultrapassaram já o total das efetuadas em 1965. O pessoal da Zona Têxtil tem exercido uma influência decisiva no carácter organizado da campanha em curso.

Por outro lado, os trabalhadores manifestam por vários modos o seu descontentamento em relação à forma como a empresa resolveu o caso das promoções. Secções há, com mais de 300 operários, onde o número dos promovidos é inferior a meia dúzia... Provoca também descontentamento o aumento de preços no Refeitório, cujo péssimo funcionamento determina a insistência dos trabalhadores em conquistarem o direito de o administrarem, bem como às dispensas.

A Comissão Interna continua a ser o pesadelo dos Melos que nunca imaginaram vê-la transformada em veículo das reivindicações do pessoal da empresa. O senhorito Jorge de Melo deixou já de comparecer às suas reuniões, com a alegação de que a Comissão é dominada por elementos subversivos.

ARSENAL DA MARINHA

Os operários do Arsenal do Alfeite elaboraram um documento com as suas reivindicações que recebeu mais de 1400 assinaturas e uma comissão de unidade por elas eleita fez entrega do mesmo à Administração. Esta, amedrontada, garantiu aos membros da Comissão que estudaria todos os pedidos formulados e anunciou que os operários — todos os que não recebem ao mês — seriam aumentados desde já em sete escudos diários. Entretanto, o pessoal, percebendo que se tratava de uma manobra destinada a ganhar tempo e a dividir os operários, mostra-se disposto a prosseguir na luta, repelindo as ofertas da Administração.

carecidamente que o dr. João Ameal não se tenha esquecido, como já o fez nas últimas edições do seu "precioso" livro, de substituir (embora de maneira não muito convincente), a palavra humana na expressão massa humana. É que assim, seria um dislate a menos, e a comicidade da "verdadeira História de Portugal", diminuiria um pouquinho...

TELEFONES

Os trabalhadores da Anglo Portuguese Telephone estão elevando a um nível superior a luta que vêm travando há muito e à qual "Portugal Democrático" já se referiu. A participação do pessoal na campanha pela renovação do velho contrato coletivo de 63 adquiriu grandes proporções a partir de Outubro último, quando um grupo de trabalhadores redigiu um documento exortando todos os empregados da empresa a comparecerem no Sindicato a fim de ali exporem as reivindicações da classe. Entre estas figuram o aumento de vencimento, a transformação do suplemento temporário em efetivo, o aumento de escalão, o aumento do subsídio de férias, o decimo terceiro mês e a reforma dos concursos.

O referido documento agiu como um catalizador de entusiasmos. E no dia 18 de Novembro nada menos de 500 trabalhadores compareceram no Sindicato. Como o presidente deste tomasse a defesa da Companhia, os presentes tentaram agredi-lo, chamando-lhe "fascista e rafeiro do patronato". Como era de esperar a censura impediu que a imprensa noticiasse o que se passara na reunião. Ante as manobras dilatórias da Direção do Sindicato, novas concentrações maciças de trabalhadores se foram verificando com pequenos intervalos, a 24 de Novembro, 29, e 17 de Dezembro. A última foi brutalmente dissolvida pela Polícia. Os trabalhadores, entretanto, não se amedrontaram e, ao dispersarem-se pelas ruas vizinhas à Andrade Corvo, iam gritando "Queremos aumento!", chamando a atenção dos moradores e transformando em escândalo do dia as violências policiais.

FERROVIÁRIOS

A numerosa categoria profissional dos ferroviários prepara-se activamente para desencadear uma bem organizada campanha a fim de obter satisfação das suas reivindicações mais prementes. A situação de exploração da categoria atinge hoje tais extremos que até jornais tão dóceis como o "Diário Popular" se vêm fazendo eco do problema, pedindo solução para ele. Por outro lado, o "Diário de Lisboa", num editorial dedicado ao assunto, apontava a urgente ne-

cessidade de uma revisão nos vencimentos dos ferroviários, lembrando o absurdo de o contrato coletivo vigente datar de 1961. O vespertino em questão estabelece mesmo relação entre os últimos e graves desastres ferroviários verificados no País e o estado psicológico de uma classe ferroviária submetida a exploração cruel.

TANOEIROS

Os tanoeiros mostram-se insatisfeitos com o ridículo aumento que obtiveram — de 5 a 10 escudos — após prolongada luta, nos termos do novo contrato coletivo. A categoria organiza-se para impor as suas reivindicações não atendidas.

NO CAMPO

Os operários agrícolas de Escoural, S. Sebastião, Boa Fé e Ribeira Brava recusam-se a aceitar jorna abaixo de 50 escudos, quando trabalham fora. Um latifundiário do Torrão (Alcacer do Sal) que contratara um rancho para tirar cortiça quis baixar a jorna combinada de 50 para 45 escudos. O rancho inteiro largou o trabalho, cruzando os braços. Depois de várias tentativas infrutíferas para contratar pessoal em Ribeira, o latifundiário em causa viu-se obrigado a pagar novamente os 50 escudos.

Em Vendas Novas, na Herdade dos Carvalhais, de um tal José Falcão, um rancho de mulheres ocupado nos trabalhos do arroz realizou uma greve vitoriosa para obter aumento de salário. Em Montemor o Novo, os operários agrícolas do latifundiário Francisco Malta também alcançaram uma vitória, impondo a jorna de 40 escudos, superior ao nível médio da região.

No Baixo Alentejo, onde a falta de braços, devido à emigração e à partida dos jovens para as fileiras, é cada vez mais acentuada, as jorna aumentaram para níveis nunca atingidos. Mas isso só foi possível graças ao espírito de unidade que prevalece entre os operários agrícolas. As jorna para os trabalhos, de sementeira de batata, trigo e milho oscilam entre 80 e 150 escudos. Como a procura de braços é maior do que a oferta, os patrões são forçados a disputar os trabalhadores que comparecem na praça. Por vezes, o pessoal disponível nem sequer vai à praça e os patrões são obrigados a aumentar as jorna.

NOTÍCIAS MILITARES

Houve um levantamento de rancho no Quartel de Cavalaria do Campo da GNR. Nada menos de 23 praças pediram a demissão, descontentes com a obrigatoriedade de pagamento do uniforme.

Foi demitido do quadro permanente do Exército o major Miguel Carlos Tenório de Carvalho. Suspeita-se de que é acusado de falta de identificação com os "ideais do regime".

Na Escola Prática de Cavalaria, comandada pelo fascista Homero de Matos, o regime disciplinar lembra das SS hitlerianas.

Em Abrantes registraram-se 4 soldados entre paraquedistas e militares de outras especialidades.

Foi feito grande descarregamento de material de guerra nos armazéns da NATO, na Península de Setúbal. Num único dia, 18 caminhões pesados fizeram várias viagens entre a Trafalgar e a Charneca, sempre transportando material de guerra.

A FIRMEZA DOS PESCADORES

Os pescadores de Matosinhos acabam de dar nova prova do seu espírito de luta e da sua unidade. Desde o início do ano que vinham exigindo, sem serem atendidos, melhores condições de matrícula. Em face da atitude dos responsáveis pelos organismos da pesca, os pescadores decidiram que apenas sairia para o mar parte da tripulação de cada traineira, permanecendo a restante em terra até que fosse satisfeita a reivindicação formulada. Os armadores fizeram várias tentativas para obter pessoal noutras regiões do País, mas não tiveram êxito pois os pescadores sondados, ao saberem do que se tratava, negaram-se sistematicamente, solidarizando-se com os colegas de Matosinhos. Finalmente, os armadores cederam.

izar

resistente
nte por-
pronto
às au-
salário
por mês
insufi-
também
4 dóla-
governas.

me cha-
ram-me
lucativo
inos do
também
perativa
m disso
nos de
superfi-
is, uma
antida-
ontrava
ana.

tentou
ue era
ter que
os ne-
zia éle
trabato,
du-deixou-
s a só-
imamos
ira Vo-
Moçam-
os 500
o, cul-
milho.
s tam-
a que
is com-
6: 4
citamos
ermittis-
pecial
papêl,
ilitar o

ridades
ito do
chama-
do dis-
porque
em ser
vem, se
er ma-
s que
guma e
para o
nbique,
do nos-
de cada
lo com

grada-
zeram-
it para
de al-
trolla a
nbique,
1.000
ilares),
expli-

ig. 6)

Pela amnistia e contra a repressão

ANTONIO GRAÇA EM LIBERDADE

O movimento de solidariedade organizado a favor de ANTONIO GRAÇA foi o fator decisivo da libertação em fins de Abril daquele dirigente estudantil.

Sabe-se agora que Graça foi torturado de maneira selvagem pela PIDE que o submeteu à estatura durante quatro dias e cinco noites. O comportamento do jovem estudante foi admirável, recusando-se a dialogar com a Polícia.

Entretanto, os seus colegas mobilizavam-se para o ajudar. A iniciativa partiu da Faculdade de Medicina do Porto, tendo um grupo de elementos dali comparecido à PIDE, com o padre do MOJAF, para visitar Graça. A polícia não autorizou a visita, mas alarmada com as proporções do movimento aceitou as encomendas, garantindo que lhe seriam encaminhadas. O padre fez na altura corajoso sermão aos esbirros da PIDE que o escutam carrancudos, mas sem coragem para protestar.

Dias depois, as Comissões Instaladoras das Associações de Estudantes intercediam, por sua vez, junto do reitor, solicitando a sua intervenção a favor de Antonio Graça.

Quando Graça foi libertado, os colegas quiseram promover um grande almoço de confraternização académica para festejar o acontecimento. A PIDE reagiu à sua maneira. No dia 29 de Abril assaltou a casa de Graça, de madrugada e prendeu-o novamente. Horas depois, foi, contudo, novamente posto em liberdade, pois a PIDE apenas pretendia dessa vez, impedir o almoço.

VEIGA DE OLIVEIRA CONTINUA PRESO

No Brasil prossegue o movimento de solidariedade a favor do eng. Alvaro da Veiga de Oliveira, preso pela PIDE em Dezembro do ano passado. Em várias faculdades acha-se exposto o recorte do nosso jornal que transcreve a carta enviada por dezenas de dirigentes estudantis de São Paulo ao "presidente" Americo de Deus Tomás, protestando contra a prisão de Veiga de Oliveira e exigindo a sua imediata libertação.

Sabe-se que VEIGA DE OLIVEIRA se acha em Caxias desde Fevereiro. Foi para ali levado após as torturas a que foi submetido, aliás sem resultado, pois recusou-se terminantemente a prestar declarações à PIDE.

LIBERTEMOS JOSÉ VITORIANO!

Prossegue a campanha internacional a favor da libertação de JOSÉ VITORIANO. Numerosas entidades de vários países da Europa e da América filiadas à Federação Sindical Mundial continuam a enviar cartas e apelos às autoridades fascistas portuguesas exigindo a libertação de José Vitoriano.

FAMILIAS DE PRESOS LUTAM PELA ANISTIA

Paralelamente aos esforços desenvolvidos pela Comissão Nacional da Amnistia, agora dirigida por Maria Eugénia Varela Gomes, as famílias dos presos políticos desencadearam a sua própria campanha com idêntico objetivo: arrancar dos presídios fascistas os que nelas foram

encarcerados. A amplitude desse movimento das famílias assumiu tais proporções que o "presidente" Tomás recebeu recentemente uma delegação de familiares de presos políticos que lhe fez entrega de uma exposição com mais de 600 assinaturas.

ESTUDANTES AINDA PRESOS

Além de JOSÉ BERNARDINO, cujo caso foi amplamente divulgado pela imprensa internacional, encontram-se ainda presos, depois de julgamentos-farsas, os seguintes es-

tudantes: ARTUR GOUVEIA, de Agronomia, condenado a 3 anos e meio e em medidas de segurança; JOSÉ REGO, de Belas Artes, 3 anos e medidas de segurança; JOÃO ALVES TEIXEIRA, de Ciências, 2 anos; AFONSO JOAQUIM PINHO MONTEIRO, de Medicina, 20 meses; GABRIEL MORATO, de Económicas, 18 meses; e SARA AMANCIO, de Ciências, 16 meses. Encontram-se presos desde 1965, mas não foram ainda julgados: VITORIA ALMEIDA E SOUSA, de Medicina; ASTRID DE CARVALHO, do IST; HENRIQUE GUERRA, de Belas Artes; e JOÃO TAVARES DA SILVA, do ensino particular.

COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO

Enquanto o tempo decorre sem que, na aparência, grandes modificações ocorram na situação da guerra sustentada contra as populações de Angola, Guiné e Moçambique por Salazar e seu grupo, centenas de vidas se vão perdendo. No campo de luta mistura-se o sangue dos patriotas que se batem pela liberdade de suas terras e seus povos com o dos filhos do povo português lá enviados em odiosa missão, da qual proveito algum lhes cabe. Para lá vão, jogados com cinismo, em defesa dos interesses daqueles poucos para quem as colónias representam fantástica fonte de riqueza, os filhos de um povo esbulhado, oprimido e escarnecido. Poderíamos, por vezes, inclinar-nos a acreditar que a morte dessas centenas de jovens representa o castigo justo de uma ação criminosa contra as populações coloniais. Contudo, só em relação a um pequeno número isso será verdadeiro. Há criminosos entre as tropas portuguesas envolvidas nas guerras coloniais, criminosos contra a humanidade, verdadeiros bandidos. Bastaria dizer que o exército português está largamente infiltrado pela PIDE para se provar tal afirmação. Mas dêsse talvez sejam raros os que caem em combate. São graduados que pouco se expõem ou que apenas enquadram a tropa sujeita a maiores riscos. A sua ferocidade e selvajeria evidenciam-se quando podem chacinar e torturar prisioneiros ou populações indefesas que se acham inteiramente à sua mercê, sem possibilidades de represália. A maioria dos que caem fazem a guerra sem vontade nem proveito, talvez até contra a vontade. Por isso a sua morte é duplamente lamentável: morrem por uma causa que lhes é estranha e como cúmplices — se bem que inconscientes e involuntários — de um enorme crime. Erro tão grande como considerá-los culpados seria considerá-los vítimas dos patriotas africanos. Estes também são vítimas. Cada soldado português que cai em África é vítima unicamente do grupo fascista-colonista responsável pela agressão aos povos coloniais. Portugueses e africanos matam-se mutuamente por culpa dêsse grupo de ladrões de casaca cujo chefe é o Dr. Oliveira Salazar, que se apoderaram de Portugal há 40 anos e o reduziram ao que hoje é: um país que se distingue entre os outros pelo seu atraso económico, pelas más condições de vida do seu povo, pela falta de liberdade, pela potencialidade criminosa dos seus dirigentes.

Enquanto na aparência as coisas não mudam, realmente vão mudando. O colonialismo registra derrota após derrota e dia a dia perde terreno. O cerco vai-se apertando. A posição do exército colonialista na Guiné é pior do que nunca neste início da estação chuvosa em que as

condições são extremamente favoráveis aos nacionalistas. Metade da colónia está controlada por estes e as sucessivas ações empreendidas pelo exército colonial, durante a época seca que acaba de findar, com o objetivo de recuperar o domínio de diversas regiões, fracassaram. Para dar uma idéia do que custou ao nosso povo, apenas no mês de abril último, a guerra na Guiné, em que a C. U. F., como exploradora das riquezas locais, é a maior interessada, bastam os seguintes números: 139 soldados mortos entre portugueses e africanos enquadados no exército português; mais de duas centenas de feridos; 22 viaturas destruídas, incluindo 4 carros blindados e diversas transportando tropas entre as quais se registraram grande número de baixas; e 107 armas de diversos tipos capturadas pelos nacionalistas. Nos altos círculos do governo de Lisboa reconhece-se que o importante distrito de Niassa, em Moçambique, está quase totalmente dominado pelas forças de guerrilha da FRELIMO. O recrutamento das tropas tornadas necessárias pela dispersão nas três frentes de luta e pela intensificação das operações, torna-se cada vez mais difícil; homens que há mais de um ano cumpriram o tempo previsto de serviço, continuam sem ser desmobilizados; o PAIGC anuncia para breve o desencadeamento da luta armada nas ilhas de Cabo Verde; em Angola e por todo o lado os patriotas africanos acumulam forças e experiência e preparam novas fases ofensivas. A estabilidade da guerra é, portanto, apenas aparente. A situação está-se modificando e a hora em que a resistência do colonialismo será quebrada decisivamente aproxima-se a passos largos.

Vejamos, em resumo, algumas das operações mais recentes nas três colónias:

ANGOLA

Tropas portuguesas caíram num campo de minas no caminho de Kinguambundu, sofrendo pesadas baixas. Perto de Bulo Antigo, guerrilheiros do M. P. L. A. sustentaram intenso fogo com um destacamento português obrigando este a recuar para um terreno previamente minado. A explosão de três minas provocou a morte de vários soldados.

O quartel de SANGA foi intensamente bombardeado com morteiros apoiados por uma barreira de metralhadoras, ficando destruídas algumas casernas e calculando-se as baixas como severas. Como represália, as tropas portuguesas, findo o ataque, passaram a bombardear, durante toda a noite, as aldeias de MATANGA e EMBULO nas imediações de SANGA. Poucos dias após, o posto de SANGA sofreu novo ata-

Passa Palavra

A imprensa anti-fascista acaba de ser enriquecida com um novo jornal: "Passa Palavra", órgão dos militares da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Da edição relativa a Abril transcrevemos uma exortação dirigida aos soldados e intitulada ORGANIZA JUNTAS MILITARES:

"Companheiro! Se queres lutar contra o fascismo salazarista que nos atirou sem piedade para a guerra, procura um ou dois dos teus maiores amigos, aqueles que pensam como tu. Fala-lhes primeiro com cuidado. Verifica se estarão dispostos a lutar contra o colonialismo de Salazar. Se estiveres certo de que são homens honestos propõe-lhes que se juntem a ti para lutarem, na medida do possível, contra a guerra colonial, contra as torturas, contra essa estúpida vida de soldado colonialista à qual os fascistas vos destinaram.

Amigos! Vocês, dois ou três, se estiverem dispostos a lutar contra as injustiças, contra a crueldade da guerra colonial, contra o fascismo portanto, formarão uma Junta Militar. Reunam-se em lugares bem escondidos ou onde ninguém possa desconfiar do que estão ali a conversar. Em cada reunião combinem o que fazer, que lutas podereis travar na vossa unidade. Se há faltas de cartas da família, se o pré não é pago a tempo, se o rancho é mau, se as instalações são impróprias para homens, procurem revoltar os companheiros contra essa situação porque a culpa de tudo isto pertence aos colonialistas e fascistas que nos enviam para aqui fazer esta guerra injusta. Lutai contra as torturas desumanas e contra os crimes dos oficiais e soldados que se mostram colonialistas nas suas ações. As roubalheiras no pré, a alimentação que arruína a saúde, as injustiças e a morte são a paga desta guerra que nós não pedimos para fazer.

Não se reunam mais do que uma vez por semana, a não ser em casos excepcionais. Camarada, procura sobretudo trabalhar com anti-fascistas do teu pelotão ou, se isso não for possível, da tua companhia ou esquadrão. Cada um de vocês poderá depois formar uma nova Junta, mas os novos companheiros não devem conhecer os membros da primeira Junta, que orientará as outras. Nenhuma Junta deve ter mais do que três membros.

Expliquem aos vossos companheiros de melhores sentimentos o que é a guerra colonial, como os fascistas e colonialistas vendem nela a vossa vida. Expliquem aos vossos colegas porque é que a guerra e a opressão coloniais são injustas. Como os mesmos bandidos que fazem a miséria do nosso povo são os que ganham com a guerra. Convençam-nos de que todos unidos podemos tornar difíceis a vida dos colonialistas e a execução das suas ordens cruéis.

Evitem guardar nas vossas malas o nosso jornal e outros papéis onde se fale de política; ponham-nos em lugares seguros e onde não prejudiquem nenhum companheiro. Levem os melhores a ouvir a Rádio "Voz da Libertação".

E CUIDADO COM OS PIDES!"

GUINE

Diversos contingentes estacionados perto de Binar, cuja missão era recuperar o domínio da região, sofreram ataques das forças regulares guineenses durante três dias consecutivos, ao fim dos quais ficaram completamente isolados, sem possibilidade de serem socorridos ou reabastecidos a não ser por via aérea. As perdas sofridas cifram-se em 35 mortos e mais de 30 feridos que só puderam ser retirados por helicópteros.

Num ataque de três horas ao campo militar do porto de Catchil, no Sul, os patriotas guineenses destruíram 10 edifícios de uso militar e um depósito de munições. O número de homens mortos ou feridos ascendeu a 45.

Quatro edifícios destruídos, 9 militares mortos e vários feridos, tal é o balanço de um ataque nacionalista ao campo fortificado de Madina, na região de Boé. Este campo, como inúmeros outros, encontra-se isolado numa região inteiramente sob o domínio das forças do PAIGC.

Idêntico ataque sofreu o campo fortificado de Bedanda sofrendo destruição de 40% das instalações. O movimento de helicópteros durante todo o dia seguinte indica um elevado número de baixas entre a guarnição, estimando-se em 40 o número de mortos e feridos.

Um contingente saído de Cacine caiu numa emboscada sofrendo baixas avaliadas em 8 mortos e vários feridos.

que ao princípio da noite, sendo o resto do quartelamento completamente destruído pelos obuses, inclusive o depósito de munições que se incendiou provocando violentas explosões. Este segundo ataque aniquilou a guarnição do posto; uma patrulha de socorro foi batida e obrigada a retroceder.

O governo do Congo-Kinshasa (ex-Léopoldville), decidiu pôr termo a todo o tráfego de minérios de Katanga pelos portos de Lobito e Beira. A partir do dia 1 de julho, de acordo com um decreto do general Mobutu, toda a exportação dos referidos minérios passou a ser feita através dos portos de Dar-es-Salaam (Tanzânia) e Matadi. Depois de Tshombé ter sido expulso de membro do parlamento, acusado de alta traição, a nova atitude do governo de Kinshasa constitui um sintoma devéras inquietante para as autoridades de Lisboa: com a reintegração do Congo no convívio dos países africanos, não será de surpreender que os patriotas angolanos do M. P. L. A. voltem, com o tempo, a receber a colaboração do seu governo, inclusive autorização para re-instalarem bases em seu território.

Com os melhores a ouvir a Rádio "Voz da Libertação".

E CUIDADO COM OS PIDES!"

Expliquem aos vossos companheiros de melhores sentimentos o que é a guerra colonial, como os fascistas e colonialistas vendem nela a vossa vida. Expliquem aos vossos colegas porque é que a guerra e a opressão coloniais são injustas. Como os mesmos bandidos que fazem a miséria do nosso povo são os que ganham com a guerra. Convençam-nos de que todos unidos podemos tornar difíceis a vida dos colonialistas e a execução das suas ordens cruéis.

Evitem guardar nas vossas malas o nosso jornal e outros papéis onde se fale de política; ponham-nos em lugares seguros e onde não prejudiquem nenhum companheiro. Levem os melhores a ouvir a Rádio "Voz da Libertação".

E CUIDADO COM OS PIDES!"

Expliquem aos vossos companheiros de melhores sentimentos o que é a guerra colonial, como os fascistas e colonialistas vendem nela a vossa vida. Expliquem aos vossos colegas porque é que a guerra e a opressão coloniais são injustas. Como os mesmos bandidos que fazem a miséria do nosso povo são os que ganham com a guerra. Convençam-nos de que todos unidos podemos tornar difíceis a vida dos colonialistas e a execução das suas ordens cruéis.

Evitem guardar nas vossas malas o nosso jornal e outros papéis onde se fale de política; ponham-nos em lugares seguros e onde não prejudiquem nenhum companheiro. Levem os melhores a ouvir a Rádio "Voz da Libertação".

E CUIDADO COM OS PIDES!"

Com os guerrilheiros...

(Continuação da pág. 4)

casas incendiadas, rebanhos abandonados. Cruzamo-nos também com patrulhas que se limitam a saudar-nos ou a escoltar-nos durante algum tempo. Olho continuamente para o relógio perguntando a mim mesmo quando chegaremos.

(Continua)

MOÇAMBIQUE

(Continuação da pág. 4)

cando-me que tudo isso era devido ao meu bom trabalho.

Recusei essa oferta devido a sentir que já tinha contraído uma grave responsabilidade para com o meu povo, parecendo-me uma traição abandonar os que tinham confiado em mim durante tanto tempo. O dinheiro que os portugueses me ofereciam não me tentou, pois o bem estar do meu povo era, para mim, mais importante.

Em 1958 a nossa cooperativa tinha alcançado mais de 1.000 membros, os quais eram, sobretudo, atraídos pelo fato de não terem de trabalhar sob a supervisão opressora do homem branco, e pelo fato de que, em conjunto, podíamos produzir muito mais. Em julho de 1959 alcançamos 1.500 membros.

Delegação da F.P.L.N. Visita a França

A F.P.L.N. divulgou em Paris, no dia 8 de Junho, p.p. o comunicado que abaixo publicamos:

"Uma delegação de duas personalidades da Oposição democrática portuguesa, Fernando Piteira Santos e Pedro Ramos de Almeida, dirigentes da Frente Patriótica de Libertação Nacional, fez há pouco uma visita à França. A F.P.L.N. é a organização clandestina que agrupa, em Portugal, Partidos, correntes e personalidades democráticas no combate comum contra a ditadura de Salazar.

Esta delegação dirigiu-se a França com o fim de realizar uma série de encontros, previstos antecipadamente, com os seguintes partidos políticos, centrais sindicais e organizações democráticas francesas:

— René SCHMITT, secretário-geral adjunto do Partido Socialista S.F.I.O. e delegado-geral adjunto da Federação da Esquerda Democrática e Socialista;

— Edouard DEPREUX, secretário-geral do Partido Socialista Unificado, Gilles MARTINET, secretário-geral adjunto, Christian GUERCHE, membro do Bureau Nacional, Henri LEClerc, Jean NESTOR dos Estudantes Socialistas Unificados;

— Raymond GUYOT, Senador, membro do Bureau Político do Partido Comunista Francês, Robert BALLANGER, membro do Comité Central, presidente do grupo parlamentar comunista, Jean TRICART, membro do Comité Central, Jean GARCIA, colaborador do Comité Central;

— Michel SOULIE, vice-presidente do Partido Radical e Radical-Socialista, membro da equipe constituinte do contra-governo;

— Gérard ESPERET, vice-presidente da Confederação Francesa Democrática do Trabalho (C.F.D.T.) e Jean BOURHUS, secretário-confederal;

— André MERLOT, secretário da Confederação do Trabalho (C.G.T.) Robert HERNIO, do Departamento Internacional, Serge CAPE, colaborador do Secretariado;

— Daniel MAYER, presidente da Liga Francesa dos Direitos do Homem, Mme. Suzanne COLLETTE-KAHN, vice-presidente da L.P.D.H. e secretário-geral da Federação Internacional dos Direitos do Homem, e Michel BLUM;

— Joe NORDMANN, secretário-geral da Associação Internacional dos Juristas Democratas, Solange BOUVIER-AJAM, secretário da A.I.J.D.;

— Daniel VIDAL, sociólogo, secretário do Comité Francês para a Amnistia em Portugal.

A delegação da F.P.L.N. foi recebida pelos diretores ou redatores de diferentes órgãos da imprensa, entre eles:

— Claude FUZIER, secretário da Federação do Sena do Partido Socialista S.F.I.O. e redator-chefe do jornal "Le Populaire";

— Jean-Marie DOMENACH, diretor da revista "ESPRIIT";

— Etienne FAJON, membro do Bureau Político do Partido Comunista Francês e diretor do jornal "L'Humanité";

— e redatores dos jornais "Le Monde", "Le Nouvel Observator", "L'Express".

A delegação da Oposição democrática portuguesa foi recebida nas "Mairies" de Bobigny e de Champigny. Têve um importante encontro com o Senador-"Maire" de Champigny, Louis TALAMONI, e com os seus adjuntos em que foram focados, entre outros assuntos, o problema dos 10.000 trabalhadores portugueses que vivem no "Bairro-da-lata" desta cidade em condições extremamente precárias.

Todos estes encontros caracterizaram-se por uma troca de pontos de vista e de informações francas, cordiais e frutuozas. Em cada encontro, foi feita uma análise da evolução da situação política portuguesa, no contexto da situação internacional e das relações entre Portugal e a França.

A delegação da F.P.L.N. prestou informações sobre as condições de vida do Povo Português, sobre a política retrograda da ditadura fascista que há quarenta anos reprime totalmente as liberdades — de expressão, de associação, de oposição, sindical, etc. — e que aliena a independência nacional portuguesa, para poder prosseguir guerras coloniais injustas, condenadas a fracasso certo, em Angola, na Guiné e em Moçambique. Esta política coloca Portugal, quanto ao nível de vida do seu Povo, no último lugar da escala europeia e é responsável pela emigração maciça da juventude e dos trabalhadores.

A delegação da F.P.L.N. sublinhou a gravidade, a amplitude e a intensidade da repressão exercida pelo governo de Salazar contra os democratas

portugueses, e forneceu novos e importantes elementos sobre o assassinio do General Humberto Delgado pela P.I.D.E., que pôde preparar a cilada de Badajoz graças à ação de provocadores portugueses pagos por ela, de aventureiros irresponsáveis e de elementos fascistas italianos e franceses.

Os representantes da Oposição democrática portuguesa verificaram, uma vez mais, com prazer, que o desenvolvimento da corajosa luta do Povo, dos estudantes, dos operários, dos intelectuais portugueses por melhores condições de vida, conta as guerras coloniais em Angola, na Guiné e em Moçambique, pela liberdade dos presos políticos, pela queda da ditadura, conta com a profunda simpatia, a compreensão e a solidariedade ativa dos democratas franceses, do Povo francês. A delegação da Frente Patriótica de Libertação Nacional, dirigida por isso, os seus agradecimentos aos Partidos, às centrais sindicais e às outras organizações democráticas francesas com as quais se entrevistou.

Como consequência destes encontros, estabeleceu-se um amplo acordo entre a F.P.L.N. e cada organização francesa, com os seguintes objetivos:

— manutenção de relações frequentes;

— alargamento da solidariedade moral e política à Oposição democrática portuguesa;

— reforço do apoio da opinião pública democrática e internacional à defesa dos presos políticos portugueses e à campanha em curso para a punição de todos os responsáveis pelo assassinio do General Humberto Delgado;

— oposição à ajuda militar, económica e política fornecida por certos meios à ditadura de Salazar e às suas guerras coloniais;

— auxílio concreto ao Povo português no seu combate pela Liberdade.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Assinou o comunicado Fernando PITEIRA SANTOS e Pedro RAMOS DE ALMEIDA membros da Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e da Junta Revolucionária Portuguesa.

Notas e Comentários

(Continuação da pág. 3)

carro terá de pagar. O imperialismo receberá assim com juros o dinheiro que adiantou a Salazar. Ou não fôsse a celeberrima ponte sobre o Tejo uma realização do fascismo...

A HIPOCRISIA SALAZARISTA

Em conferência de imprensa, no dia 3 de maio passado, o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, Franco Nogueira, foi interpelado pelo representante de uma agência noticiosa sobre dois casos bem embaraçosos para o governo Salazarista. Em primeiro lugar, o assassinio do general Delgado e suas repercussões nas relações entre o governo de Salazar e o de Franco, em virtude de uma nota de protesto que teria sido apresentada pelo Governo Português. A esta pergunta respondeu Franco Nogueira com a discreção conveniente a um governo de assassinos: "Não é verdade que tenhamos enviado ao governo Espanhol qualquer nota de protesto, ou de qualquer outra natureza sobre o assunto a que se referiu. Não há, portanto, qualquer fato que afete as cordiais relações que existem entre a Espanha e Portugal". Em segundo lugar, o representante da agência noticiosa disse ter conhecimento de que a P.I.D.E. teria impedido a entrada em Portugal do poeta espanhol Dionisio Ridruejo. A esta pergunta respondeu Franco Nogueira com a omissão conveniente a um governo Fascista: "Não tenho conheci-

mento desse fato e, portanto não posso emitir opinião alguma".

Dionisio Ridruejo foi combatente na Guerra Civil de Espanha ao lado de Franco; ex-falangista, é o autor do hino da Falange, "Cara al Sol", revelando-se nos últimos anos como opositor militante ao regime de Franco. Exilou-se em França após a conhecida reunião de Munique sobre a entrada ou não da Espanha de Franco no Mercado Comum Europeu, voltando mais tarde a Madrid, onde foi preso pela Polícia Franquista. Libertado pouco após esta detenção, é hoje um dirigente liberal da Oposição Democrática ao Regime de Franco.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades". Quem poderia imaginar, ainda há poucos anos, que o General Franco começaria um dia a fazer figura de "liberal" em comparação com o sanguinário ermitão de Santa Comba!...

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General
Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva

— Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: A. Ferrer — Rua
João Pessoa, 67

LONDRINA: Julio Duarte —
Edifício Centro Comercial —
Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira
— Rua 7 de Setembro, 312 —

Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And
Colonial Bulletin — 10 Fentiman
Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Carlos Siqueira —
Rue Jolly, 77 Schaerbeek —
Bruxelles 3

HOLANDA: ANGOLA COMITE
— Vinkenstraat 13 — Amster-
dam — C.

CANADA: Portuguese Canadian
Democratic Association 10 —
Eden Place Toronto 2B —
Ontário

A. dos Santos
7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1
Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica
Portuguesa — Apartado 8287 —
Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Por-
tuguesa del Uruguay Casilla de
Correo n.º 2.128 — Distrito 5 —
Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ri-
beiro — Postovní Urada —
Praha

FRANÇA: Grupo de Amigos de
"Portugal Democrático" — 29,
Rue St. André des Arts. —
Paris — 6.º eme.

REDAÇÃO:

Rua Conselheiro Furtado, 191
Sala 2 — Tel.: 37-0933 —
São Paulo

Caixa Postal 6248

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas

Sábados: das 15 às 19 horas

Número avulso . . . Cr\$ 100

Assinatura anual . . . Cr\$ 1.500

ANO X - N.º 109 - Agosto, 1966

Os artigos assinados traduzem
apenas a opinião de seus auto-
res, sendo por conseguinte de
sua exclusiva responsabilidade.

Varrer o Fascismo da Terra Portuguesa

Sessenta longos anos durou a noite da ocupação estrangeira. Mas os opressores estrangeiros foram expulsos da terra portuguesa.

Os actuais opressores são portugueses, nasceram nas nossas terras, falam a nossa língua, mas não é menos asfixiante a sua apressão, não é menos insuportável a sua tirania. Eles — os fascistas, os que servem a Salazar e se servem de Salazar — pela violência tomaram posse do poder, pelo terror mantêm o poder. Eles — os fascistas os que servem a Salazar e se servem de Salazar — são o poder dos monopólios e exercem o monopólio do poder.

Instalado no governo da nação, o grupo fascista opressor, governa-se. Governam-se eles — os fascistas, os que servem a Salazar e se servem de Salazar — e governando-se, desgovernam a nação, oprimem a nossa terra, vexam, tiranizam e exploram o nosso povo. Defendem interesses estranhos e estrangeiros. Defendem os interesses dos monopólios nacionais, dos grandes agrários, dos capitalistas usurários. E para tornar mais forte o seu império na pátria escrava, eles — os fascistas, os que servem a Salazar e se servem de Salazar — aliam-se aos monopólistas estrangeiros, às forças internacionais de guerra, de reacção, de obscurantismo. O seu governo é uma forma de domínio estrangeiro. Eles — os fascistas, os que servem a Salazar e se servem de Salazar — são "os estrangeiros de dentro". Eles nada têm de comum com o povo. São inimigos do nosso povo. São traidores à Pátria.

Negam aos portugueses a intervenção na vida pública e sempre em tudo se comportam como se senhores da terra fossem, como se fossem donos dos homens. Pelo poder político, pelo terror policial, pela riqueza e pelo domínio da vida económica, apresentam-se como se fossem um ocupante estrangeiro. Do estrangeiro são os aliados e com o estrangeiro dividem os frutos da sua rapina das riquezas nacionais. Sob a garra fascista, Portugal é uma terra ocupada e é tanto uma cidadela estrangeira a base alemã de Beja, como o conselho de administração da Companhia dos Diamantes de Angola ou o conselho de administração da Sacor.

As classes que vivem dos seus salários e ordenados recebem as migalhas do banquete corporativo. Os grupos monopolistas e os representantes dos interesses do capital estrangeiro prosperam largamente, dominam os setores-chaves da economia nacional. O sistema asfixia as classes médias do campo e da cidade.

Não existe um mercado nacional que permita o desenvolvimento da industria. A política de preços dos produtos agrícolas, os regimes de propriedade e de exploração da terra, o atrazo técnico tornam normal a situação de crise agrícola. Os operários, os camponeses e a pequena burguesia não têm capacidade de consumo. A emigração aumenta e provoca a escassez de braços válidos em vastas regiões do país. Emigração e guerra colonial contribuem para atenuar, aliás trágicamente, o problema do desemprego agrícola e industrial. O fascismo conduziu Portugal à ruína. Balanço significativo de 40 anos de "salvação nacional": somos, economicamente e culturalmente, o país mais atrazado da Europa.

Eles — os fascistas, os que servem a Salazar e se servem de Salazar — são dominadores estrangeiros, aliados dos estrangeiros. Vendem a terra e as riquezas nacionais, para com o dinheiro estrangeiro, armas estrangeiras e soldados estrangeiros fazerem a guerra aos povos de Angola, da Guiné e de Moçambique e uma verdadeira "guerra civil" ao povo de Portugal.

Longa foi a noite da opressão estrangeira. Longa e terrível tem sido a noite da opressão salazarista.

Está nas nossas mãos, está nas tuas mãos, passar da resistência ao combate ofensivo. Unidos e organizados venceremos, porque não há força que se possa opôr à vontade de um povo unido. O povo unido é invencível. O povo unido varrerá o fascismo de terra portuguesa

(Editorial publicado em "Liberdade", órgão da FPLN, maio de 66).

TABELA DE ASSINATURAS

Países Via aérea:	Preço anual	Avulso Exemplar
Estados Unidos, Canadá e Amé- rica Latina	US\$ 5,00	US\$ 50 cents.
Inglaterra	£ 2-0-0	4 sh.
Alemanha	DM 20,00	DM 2,00
Bélgica	FB 270	FB 30
França, Argélia e Marrocos	NF 25	NF 2,50
Holanda	DGld. 20	DGld. 2
Suíça	FS 20	FS 2
África do Sul	R: 4,00	4 sh.
Portugal	Esc: 150\$00	15\$00
Assinatura Especial para qualquer país	US\$ 10,00	
Via marítima		
Portugal	Esc.: 25\$00	2\$50

FERREIRA DE CASTRO E LOPES GRAÇA

Fernão Barros

Cinquenta anos de atividade literária de um escritor, sessenta anos de idade de um compositor; comemoraram-se recentemente no nosso país estes dois acontecimentos. E tal é o divórcio que se verifica em Portugal entre "o país oficial" e o "país real e autêntico" que, embora esse escritor se chame Ferreira de Castro e esse compositor tenha por nome Fernando Lopes Graça, as comemorações decorreram totalmente à margem das entidades oficiais. Na verdade, estes dois homens, dos quais o menos que se pode dizer é que um foi o inspirador de toda a moderna música portuguesa e outro o patrono de um movimento literário que marcou época no nosso país, fizeram a longa caminhada que agora jubilosamente comemoramos, não só à margem desse "país oficial" como em luta com ele. Perseguições, prisão, ameaças, apreensão de livros e proibição de concertos, não faltaram ao longo dos cinquenta anos de vida literária de Ferreira de Castro e dos sessenta anos de Lopes Graça. E, no entanto, mesmo independentemente da posição política que orgulhosamente assumiram, poucos intelectuais portugueses mereceram, como estes dois, o apoio e o aplauso da nação.

Ferreira de Castro que, não devemos esquecer, começou a carreira literária no Brasil e tomou este país como tema do primeiro livro que lhe deu fama, merece esse apoio e esse aplauso pela forma como introduziu na literatura o povo português, sem demagogias paternalistas nem floreios verbais. Trazendo, do jornalismo em que se formou, um estilo despojado e limpo, Ferreira de Castro debruçou-se sobre os problemas desse povo, sobretudo em Emigrantes, de tão grande atualidade nos nossos dias, em que os portugueses se voltaram em maior número do que nunca para os caminhos do exílio e em A Lã e a Neve, documentário precioso dos conflitos sociais localizados nessa atmosfera meio rural, meio industrial que é ainda hoje o núcleo onde se verificam grande parte dos choques sociais do nosso país. Como ele diz, falando dessa Serra da Estrela, onde decorre o romance: "No século XX mais do que sons de flautas pastoris descendo do alto da serra para os vales, subiam

dos vales para o alto da serra queixumes, protestos, rumores dos homens que, às vezes, se uniam e reivindicavam um pouco mais de pão." É essa a luta descrita pelo romancista que agora saudamos, nos seus 50 anos de atividade literária.

Em Fernando Lopes Graça, a quem endereçamos igualmente as nossas saudações, encontramos unidos o combatente intemerato contra o fascismo e o profundo conhecedor do gênio musical do folclore português. Nenhum outro musicista do nosso país conseguiu como Lopes Graça aliar o conhecimento da riqueza melódica das canções populares, à posse de uma estrutura teórica das mais avançadas do seu tempo. Lopes Graça foi sempre, simultaneamente, uma autoridade em música moderna, que introduziu Hindemith e Schoenberg em Portugal, e um desvelado guardião do nosso fundo musical popular.

O programa das homenagens aos dois intelectuais anti-salazaristas constou fundamentalmente do seguinte: em relação a Lopes Graça, edição de um catálogo completo das suas obras e de um livro com artigos de especialistas nacionais e estrangeiros sobre o compositor; dois concertos, patrocinados pela Associação Acadêmica da Faculdade de Direito de Lisboa, pela Juventude Musical Portuguesa e pela Fundação Gulbenkian. Em relação a Ferreira de Castro, publicação de páginas especiais no mensário Vértice e no Suplemento Literário do Diário de Lisboa; homenagem prestada pela Academia Brasileira de Letras e pela União Brasileira de Escritores; homenagens realizadas no Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro, no Clube Desportivo da Cova da Piedade e na Sociedade Cooperativa Piedense, onde se inaugurou uma biblioteca com o seu nome.

É pequeno, dado o alto valor dos dois artistas, o programa de comemorações. Lembremo-nos porém que ele representa o que foi possível realizar dentro das limitações impostas pelo "país oficial". Mas "o país real, o país autêntico", esse prestará um dia a Lopes Graça e a Ferreira de Castro a grande homenagem que merecem pela luta que sempre travaram, com dignidade e altivez, contra o Estado Novo e pela maneira como colocaram a sua arte ao serviço da cultura popular.



Ferreira de Castro

RADIO VOZ DA LIBERDADE

Ouçã a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 0,15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 35 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUES

Portuários paralizam pôrto de Lisboa durante cinco semanas

LISBOA (Do Correspondente) — Terminou com a vitória dos trabalhadores das docas a greve que desde os primeiros dias de junho paralizou quase completamente todos os serviços de carga e descarga do porto de Lisboa. O movimento vinha sendo organizado meticulosamente de longa data em torno de uma série de reivindicações daquela categoria profissional. As principais exigências do pessoal das docas eram as seguintes: elevação do salário de 68 escudos diários para 120 escudos reajustamento das horas suplementares, sindicalização dos trabalhadores não sindicalizados e assinatura de um contrato coletivo.

Há vários meses que se vinham realizando concentrações maciças junto do Sindicato, algumas delas dissolvidas pela Polícia violentamente, e que os dockers exigiam a convocação de uma Assembléa Geral do Sindicato, controlado por agentes do fascismo. Com a eleição de uma Comissão Sindical, o espírito de luta foi-se robustecendo, e encaminhados os espíritos para a idéia de que a greve se tornara inevitável.

Deflagrado o movimento num clima de unidade e entusiasmo, o aparelho de repressão fascista tomou medidas para intimidar os portuários abstendo-se nos primeiros dias de violências excessivas, com receio de levar outros setores do proletariado a solidarizarem-se com os trabalhadores do porto, entrando também em greve. Formadas as pri-

meiras filas de navios no Tejo, enquanto outros aguardavam à entrada da barra, as companhias estrangeiras começaram a inquietar-se e comunicaram ao Sindicato, por intermédio dos seus agentes, que estavam dispostas a atenderem as reivindicações salariais dos grevistas. O governo fascista, entretanto, preferiu aceitar o desafio dos grevistas, convicto de que voltariam ao trabalho após poucos dias. Foi o grande erro de Salazar. Os dockers haviam-se preparado para a luta e a comissão de greve, com uma organização notável, contava com o apoio total dos 3.600 trabalhadores parados. As companhias nacionais, cumprindo ordens do governo, recusaram os aumentos salariais exigidos.

A greve durou nada menos de cinco semanas. E só terminou quando Salazar, já então alarmado com o acúmulo de navios no porto e fóra dele, e com a notícia de que os fretes internacionais para Lisboa iam sofrer aumento, deu instruções para o recuo dos armadores nacionais. Estes ofereceram desde já 100 escudos diários — salário excepcional para as condições portuguesas, pois não se trata de operários especializados — e o Ministério das Corporações, por sua vez, deu todas as garantias de que será assinado brevemente um contrato colectivo de trabalho.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Tão logo foi conhecida no estrangeiro a greve, várias orga-

nizações internacionais enviaram mensagens de solidariedade aos trabalhadores do porto de Lisboa e telegramas às autoridades fascistas, exigindo o atendimento das reivindicações dos grevistas. Entre essas entidades contam-se a Federação Sindical Mundial, a União Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Portos e da Pesca e a Federação dos Trabalhadores dos Transportes e das Comunicações da Tchecoslovaquia. Rádio Praga, nos seus programas para Portugal, dedicou largos comentários à greve, enaltecendo a coragem dos que nela participaram.

SUPRIMIDA A ANANGOLA

Em recente trabalho do dr. Américo Boavida, publicado em nossas colunas, aquele conhecido patriota angolano tinha previsto para breve a extinção da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), pois o próprio governador da colônia havia declarado ao inaugurar a nova sede da instituição "que se veria na necessidade de proibir o funcionamento de todas as associações africanas por causa das suas atividades subversivas".

A previsão não tardou a confirmar-se. A ANANGOLA acaba de ser fechada por decisão do governo, sendo substituída por uma entidade intitulada Associação Beneficente e Cultural de Angola. Para que se faça uma idéia do papel reservado pelo fascismo à dita entidade

Damos a seguir o texto do telegrama que a União Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Transportes remeteu a Salazar: "Em nome de 14 milhões de trabalhadores dos transportes, a nossa União Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Transportes dos Portos e da Pesca protesta contra medidas tomadas contra os dockers em greve por melhores condições de vida e trabalho, pois seu único "crime" consiste em participarem de uma greve em prol da satisfação das suas justas reivindicações — a) Satish Chatterjee, secretário geral.

transcrevemos do "Boletim Oficial" o seguinte parágrafo dos Estatutos:

"São absolutamente estranhos aos fins sociais e em consequência vedados à Associação, quaisquer propósitos, discussões e manifestações de caráter religioso, étnico e político. No entanto, a Associação propõe-se defender e preservar a integridade da Nação Portuguesa e os princípios da moral cristã, tradicionais no país."

Muito grave é a situação em Angola para que o governo de Salazar tenha dado o passo decisivo de suprimir a única instituição que ali, quaisquer que fossem os seus defeitos e insuficiências, permitia aos africanos reunirem-se para discutirem problemas seus. O regime agora é de colete de forças e mordaga!

Pequenas Notícias

● Segundo o Orçamento Geral do Estado para 68, o total das despesas do Ministério do Interior para o corrente ano é de 597.000 contos. Uma verba de 3.600 contos é destinada à "atualização das gratificações de serviços" da GNR.

● Os estudantes de Lisboa realizaram uma manifestação política em frente do Tribunal Plenário onde decorria o julgamento de pessoas acusadas de pertencerem ao Movimento Popular de Libertação de Angola.

● A emigração continua intensa na região da Bairrada. Poucos jovens de 17 a 20 anos restam nas aldeias. Os pais favorecem a ida dos filhos para França a fim de evitarem o seu envio para a guerra colonial.

● A JUC lançou agora um boletim intitulado DEGRAU. O editorial do primeiro numero, intitulado "Informação", critica o jornalismo do genero "Empresa Nacional de Publicidade", firma proprietária do "Diário de Notícias".

● Em Albergaria a Velha foi preso um oficial miliciano, recém chegado de Africa. Conduzido à PIDE, em Lisboa, foi posto em liberdade dois dias depois. Consta que a Polícia pretendeu induzi-lo ao suicídio.

● A PIDE prendeu alguns dos dirigentes operários que mais se destacaram nas concentrações promovidas pelo pessoal da Carris do Porto junto dos escritórios da empresa.

● Em Vale de Cambra, quando das eleições para deputados", a GNR retirou as culatras das espingardas dos legionários. Até eles eram suspeitos.

● Cerca de 40.000 portugueses vivem presentemente em bairros de lata na região parisiense.

SALAZAR EXPULSA JUCA CHAVES!

A PIDE já não persegue apenas os jornalistas estrangeiros que visitam Portugal. Agora volta também as suas garras contra os artistas. A última vítima foi o popular cantor brasileiro Juca Chaves. Apesar deste ter nas mãos um contrato devidamente assinado com a Televisão Portuguesa, as autoridades fascistas intimaram-no sumariamente a deixar o País, impedindo-o de cumprir o contrato. A PIDE recusou-se a explicar os motivos da medida, informando apenas o cantor de que ou obedecia à ordem de expulsão ou seria preso...



PORTUGAL, DEMOCRÁTICO
R. Comas Furtado, 191 - SP, Brasil
Endereços de Assinantes